



A cabeça coberta

Cheguei à Europa faz pouco tempo. Cheguei com minha mãe e papai. Ele, durante anos, ficou sozinho com os tios e primos. O trabalho de papai é irregular mas ele diz que está melhorando. Mamãe fica em casa e sai apenas para me acompanhar à escola.

Sou muçulmana; eu e mamãe lemos, juntas, o Corão e recitamos suas orações. Ela tem sempre a cabeça coberta e eu também. No início, os meus companheiros de escola riam de mim, agora a situação está um pouco melhor.

Na cidade onde vivo há pessoas que vêm de todas as partes do mundo, portanto é preciso aceitar cada um com sua religião e seus costumes, suas orações. Eu sonho com um mundo, onde cada pessoa possa viver com os seus princípios, respeitando uns aos outros e sonho com um mundo em que não haja pobres.

Fátima, 11 anos

Eu preciso de tantas coisas

Papai leva-me para pedir esmolas à noite e fico defronte a um grande restaurante ou a uma igreja. Às vezes param alguns senhores e me perguntam se frequento a escola ou se preciso de alguma coisa.

Tenho necessidade de tantas coisas: de brincar, ir ao parque, ficar com os amiguinhos. Penso sempre nos meus irmãos e em minha mãe. Sonho com um mundo onde cada pessoa possa permanecer no País em que nasceu e onde as crianças não precisem trabalhar. Alguém pode realizar o meu sonho? Não acredito. Porém, continuo sonhando.

Como diz uma fábula do meu País, pode acontecer que os elfos pela manhã encontrem algum porco-espinho que superou o frio da noite, ainda vivo.

Esperamos que surja um mundo perfeito de verdade porque o meu não o é nem de longe.

Ornela, 10 anos

Fonte: Pansa Francesca, *Um mundo perfeito*, Milão, Sperling&Kupfer 2008

Rostos de crianças: rostos do futuro?

Tayana tem sete anos e quer ser jogadora de tênis. Saranda tem nove e quando crescer quer ser jornalista. Crianças como tantas que estudam na pequena escola da aldeia de Binca/Binaq: dois pequenos edifícios construídos ao lado da igreja ortodoxa, perto do centro formado por um par de lojas. Uma história como tantas se Tayana não fosse uma menina sérvia e Saranda albanesa. E, sobretudo, se a escola, onde estudam juntas, não se encontrasse em Kosovo, a ex-província sérvia onde os desencontros entre as duas etnias mancharam de sangue o final dos anos Noventa. Em Binca/Binaq (nome sérvio e albanês da pequena aldeia) desde 2001 funciona uma escola multiétnica onde as crianças das duas comunidades, mesmo estando em classes separadas devido aos programas sérvio ou albanês, podem estudar juntas compartilhando aulas de música, desenho, educação física além do espaço para a recreação. Um exemplo raro nesta região dos balcãs onde, mesmo com a diminuição dos episódios de violência nestes anos, as duas comunidades tendem a viver isoladas, em alguns casos até dentro de uma mesma aldeia. São ainda muitos os passos que devem ser dados para que se possa falar realmente em reconciliação.

Fonte: Agência SIR 13 (2009) 20 de fevereiro.